

## CAPÍTULO 2

### A “PESTE GAY”: IMPRENSA ARACAJUANA E OS PRIMEIROS CASOS DA AIDS NO BRASIL

**Élcio Luiz Santos da Silva**

Licenciado em História pela Universidade Federal de Sergipe, mestrando em Educação (PPGED/UFS), bolsista CAPES, Aracaju – SE.

---

#### RESUMO

Acredita-se que o vírus do HIV já circulava lentamente na África desde o século XIX chegando mais tarde nos Estados Unidos, especificamente em 1970. Mas é somente nos anos 80 que se torna pública uma doença “estranha” para a qual não se conhecia a causa nem a cura e que era devastadora para as pessoas infectadas que, coincidentemente, eram em sua maioria homossexuais, que inclusive foi o primeiro grupo a ser noticiado na mídia com a doença. A partir daí a “peste gay”, como foi inicialmente chamada, começou a circular no imaginário social e na vida da população. No Brasil, os casos só começaram a ser notificados a partir de 1983. Ao focar em discurso, logo somos transportados para a imprensa, uma ferramenta poderosa. Esse artigo tem como foco a cidade de Aracaju, capital de Sergipe, e como ela noticiou a “peste” para a sua população os primeiros casos da doença no país até 1987 pela análise dos jornais Gazeta de Sergipe e Jornal da Cidade.

**Palavras-chave:** Aids, Aracaju, sexualidade, imprensa.

#### INTRODUÇÃO

Assim como uma nova ideia, ou como um discurso oportunista dito na hora certa e para as pessoas certas, que adentra facilmente a mente das pessoas atentas e sedentas pelo novo, um vírus também pode percorrer o corpo de alguém, fazer morada e assim infectar outras pessoas. A questão a ser discutida para esse artigo é o HIV, sigla em inglês para vírus da imunodeficiência humana. Este, quando instalado na pessoa através de fluidos corporais, por meio de relações sexuais (vaginal, anal ou oral) desprotegidas (sem camisinha), origina a aids (da sigla também em inglês para Síndrome da Imunodeficiência Adquirida). Como o próprio nome sugere, a síndrome ataca o sistema imunológico, responsável pela proteção do organismo, deixando a pessoa propensa a adquirir outras doenças chamadas de oportunistas por justamente atacar um organismo sem proteção.

Segundo o site da UNAIDS Brasil<sup>1</sup>, acredita-se que o vírus já circulava lentamente na África desde o século XIX chegando mais tarde nos Estados Unidos, especificamente em 1970, porém, só noticiado uma década depois. O órgão confirma que cientistas encontraram um vírus similar em um chimpanzé na África ocidental e que provavelmente com a caça deste animal para a alimentação da população o HIV foi levado aos seres humanos pelo sangue infectado.

Após essa breve explicação sobre o surgimento da aids, é importante fazer as seguintes perguntas: e antes dessas explicações? Como a doença era chamada? Sabiam que era um vírus? Quem era o culpado ou culpada pela peste que começou a aterrorizar o mundo na década de 80? Como os casos eram noticiados? Porque essas informações demoraram muito para chegar nas pessoas, enquanto os mais diversos discursos preconceituosos tomavam conta da mídia tentando inibir qualquer tipo de diálogo?

É importante também ressaltar que utilizaremos a palavra “aids” com a sua inicial minúscula segundo consta no Manual de Comunicação da Secom do Senado Federal. Sendo que ela em maiúscula só deve ser usada quando tratar de algum evento de conscientização sobre o tema<sup>2</sup>.

Para este artigo, utilizaremos o campo da História das Doenças para entender o que realmente aconteceu, os padrões das reações da humanidade perante uma epidemia catastrófica. Segundo Dilene Raimundo do Nascimento, em seu livro “As pestes do século XX: tuberculose e aids no Brasil”, uma das partes vitais da dinâmica relação da natureza com o homem é justamente a doença. Ela também salienta que esse olhar voltado para a fragilidade humana faz parte da História Nova, trazendo um novo olhar perante o corpo, a morte e a sexualidade, que aqui destacamos não ser um termo que se relacione somente com a relação sexual heteronormativa, mas um conjunto de relações afetivas, sexuais e sentimentais da pluralidade humana. Assim, algo que antes era objeto de estudo de médicos e higienistas, começou a aparecer na história da medicina ou em uma epidemiologia histórica.

Paulo Sergio Andrade Quaresma (2011) aborda uma das peculiaridades bem interessantes diante das doenças: a procura por culpados. Pois, através do estudo das epidemias a sociedade pede tanto por respostas que acaba apontando como causadores e causadoras da peste as minorias, principalmente. Aqui, entendemos como minoria um grupo de pessoas marginalizadas, como por exemplo, pessoas negras, estrangeiros e

---

<sup>1</sup> UNAIDS Brasil é o escritório do Programa Conjunto das Nações Unidas sobre HIV/AIDS no Brasil, com sede em Brasília (DF); **Informações básicas sobre o HIV e a AIDS**. UNAIDS Brasil, Brasília/DF. c2022. Disponível em: < <https://unaid.org.br/informacoes-basicas/>>. Acesso em: 19 de fev. de 2024.

<sup>2</sup> **Manual de Comunicação da Secom**. Brasília/DF. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/manualdecomunicacao/estilos/aids#:~:text=Use%20inicial%20min%C3%BAscula.,da%20explora%C3%A7%C3%A3o%20sexual%20de%20mulheres.&text=Segundo%20Braga%2C%20v%C3%A1rios%20foram%20diagnosticados,hepatite%20C%2C%20s%C3%ADfilis%20e%20aids>. Acesso em: 05 de maio de 2024.

estrangeiras e pessoas LGBTQIA+ (lésbicas, gays, bissexuais, transexuais, travestis, queer, intersexo e assexuais e grupos de outras identidades não nomeadas).

Por isso, retornando ao livro de Dilene Raimundo, já citado, a autora aborda questões significativas em seu terceiro capítulo. Porque é nos anos 80 que se torna pública uma doença “estranha” para a qual não se conhecia a causa nem a cura e que era devastadora para a pessoa infectada. O problema foi que

o primeiro texto oficial a respeito da aids foi um artigo publicado no *Morbidity and Mortality Weekly Report* (MMWR), de 5 de junho de 1981. O artigo relatava cinco casos de jovens do sexo masculino sem história prévia de imunodeficiência, homossexuais, moradores em Los Angeles, que apresentavam infecção pulmonar atribuída ao *Pneumocystis carinii* (PPC), microrganismo já conhecido que só produzia infecção na vigência de baixa imunidade. As cinco pessoas, desconhecidas entre si, apresentaram o quadro de pneumonia entre outubro de 1980 e maio de 1981. Verificou-se a concomitância de outras doenças, chamadas oportunistas, como a candidíase oral e o citomegalovírus (CMV) (NASCIMENTO, 2005, p. 81).

Assim, ficava evidente, sob a perspectiva da época, que “pessoas estranhas” acometiam essa “doença estranha”. E somente em 1982 que a “peste” foi denominada de Acquired Immunodeficiency Syndrome (Aids) - síndrome da deficiência imunológica adquirida.

Os homossexuais sempre foram muito questionados e isso nunca foi uma surpresa e infelizmente ainda não é, mesmo depois de tanto tempo e de tantas informações necessárias circulando. Leonidas Hegenberg, em seu artigo “Evolução histórica do conceito de doenças” ao fazer uma retrospectiva sobre como a humanidade sempre lidou com as doenças, ele afirma que “quando se alude à ‘quebra de tabus’, entende-se a doença em termos de punição: o doente é castigado por haver-se rebelado contra imperativos religiosos ou sociais. Deuses e almas de antepassados punem os homens que não se curvam diante dos mandamentos vigentes” (HEGENBERG, 1998, p. 18).

Ao falarmos sobre discurso, logo somos transportados para a imprensa. Aquela que na década de 80 nos Estados Unidos foi tão fundamental para propagar o medo por conta da aids e conseqüentemente o preconceito aos homossexuais do sexo masculino. E a mesma que também seguiu a linha de raciocínio no Brasil a partir de 1983 quando os primeiros casos foram notificados.

Precisaremos também da História Social para que haja uma compreensão melhor dos noticiários no país sobre a aids. E em relação a

esse campo da História tão importante, José D’Assunção Barros (2005) é enfático ao falar que

são os grandes momentos de protesto ou de violência coletiva que tornam visíveis as massas, e os pequenos momentos de crimes individuais que dão visibilidade ao homem comum. São as fontes que expressam os vários tipos de violência (ou que registram a repressão a esta violência) aquelas que permitirão a este historiador examinar as relações de classe, as suas expectativas, o seu cotidiano (p. 21).

E como se a História fosse um grande tecido, tomaremos pela mão uma linha de todo o emaranhado de fios entrelaçados e focaremos na cidade de Aracaju, capital de Sergipe, para podermos saber como a imprensa do menor estado do país estava lidando com as primeiras notícias sobre a “peste gay” e se ela estava somente reproduzindo, ou não, o imaginário social do Brasil sobre a aids enquanto também estava ocupada mostrando a terrível seca que assolava o estado. Para isso, analisaremos os discursos de dois grandes jornais da época: *Jornal da Cidade*, de 1983 até 1985, e *Gazeta de Sergipe*, de 1983 até 1987.

## **METODOLOGIA**

O filósofo Michel Foucault (1970) em seu livro “A ordem do discurso” inicia sua narrativa de uma maneira absurdamente sensível como uma forma de nos mostrar como esse campo da História é delicado. Ele fala que “existe em muita gente um desejo semelhante de não ter de começar, um desejo de se encontrar, logo na entrada, do outro lado do discurso, sem ter de considerar do exterior o que poderia ter de singular, de terrível, talvez de maléfico” (p. 06). Mas para que haja respostas, é necessário começar a desobstruir os caminhos que se pensavam estar inacessíveis.

Assim, para que possamos buscar mais argumentos, utilizaremos, como fontes principais, as documentais, aqui já citadas. Por isso, vale ressaltar, que recorreremos ao “Método Indiciário” de pesquisa proposto pelo historiador Carlo Ginzburg (1989), que consiste em buscar sinais, vestígios ou indícios em fontes marginais. Como foi o caso de pequenos verbetes que utilizamos neste projeto, mas que talvez pudessem passar despercebidos por outras pessoas.

## **RESULTADOS**

### **1. OS TEMORES DA IMPRENSA ARACAJUANA**

A tratar das fontes em 1983 sobre a aids, o jornal *Gazeta de Sergipe* só abordou o assunto no dia 02 de agosto, e ainda assim de uma forma muito indireta. O autor Eduardo Laperte escreveu um conto fictício intitulado “A.I.D.S.” na página 03. O título estava em tamanho propício para chamar a

atenção de quem fosse ler. Sem contar na localização do mesmo, pois estava no canto superior esquerdo. A história girava em torno de Mariluce, uma recém-contratada da prefeitura aracajuana para ser a secretária do prefeito. Segundo o conto, a mulher era muito bonita, mas pouco inteligente. Por três vezes errou o nome “prefeitura” nos ofícios enviados para o governador.

Outro ponto marcante da personagem era a sua curiosidade. Em um determinado momento, a mesma presenciou chegar um envelope de cor “rosa shocing” e com um carimbo “altamente confidencial” e mais adiante o título tão perturbador: A.I.D.S. Depois disso, Mariluce não poupou comentários com seus colegas de trabalho sobre como aquele envelope entrava na sala do prefeito com reuniões demoradas com outros homens na sua sala. Segundo a história, “os boatos corriam soltos. Uns falavam em epidemia na cidade, outros começaram a desconfiar do prefeito e seu manejo de cabeça, até então tido como charme político para angariar votos. Os mais exaltados juravam um romance secreto entre o secretário da Fazenda e um estivador”. E quando tudo já estava fora do controle devido as críticas da oposição, a curiosa mulher decide finalmente abrir o envelope. Mas para sua surpresa, o cabeçalho da primeira página indicava algo totalmente diferente: PLANO A.I.D.S. – Ações Integradas para o Desenvolvimento Social

O conto de Eduardo Laperte chama a atenção porque nos dá a ciência de que a imprensa local já estava ciente do que estava acontecendo no mundo e que acabava de chegar ao Brasil. E que apesar de autor usar vários estereótipos ligados aos homossexuais, talvez uma maneira de deixar o texto mais atrativo à leitura, ele nos oferece uma forte opinião: nem tudo é o que parece ser. E para um jornal de uma capital ainda muito provincial, chega até ser ousado escrever algo que oferece um novo modo de olhar para a situação.

Já em 1984, no dia 31 de janeiro, ainda na Gazeta de Sergipe, vemos esse mesmo assunto discutido em uma nota intitulada “Em carta, homossexuais pedem a extinção de item do Código do Ministério da Saúde”. O texto traz como foco o segundo Encontro do Movimento Homossexual Brasileiro que foi realizado em Salvador. Sergipe foi representado por Wellington Esperança, que era presidente de um dos grupos mais ativos da causa homossexual do estado: o Dialogay. A nota é bastante explicativa ao reivindicar a extinção do código 302.0, pelo Ministério da Saúde, que rotulava a homossexualidade como desvio e transtorno sexual. O texto acaba com um forte posicionamento: “somos contra a família e a escola castradoras e repressoras”. Um discurso que ainda é bastante atual.

No mesmo ano, na edição do dia 03 de fevereiro, fica evidente que o estado também já estava bastante preocupado com a seca que assolava a região. A nota era bastante explícita: “Seca persiste e flagelados batem em retirada para outros estados”. Já no dia 29 do mesmo mês, a situação fica estampada na primeira página: “Seca persiste e João consegue emergência para todo o estado”. Na época, João Alves Filho era o governador de Sergipe e se mostrava preocupado com os cinco anos consecutivos de estiagem.

Em relação à aids, o ano de 1984 na Gazeta de Sergipe não é mencionada. Algo que pode ser compreensível, pois o estado estava passando por uma crise econômica pela falta de água e transformações gerais na política do Brasil, como é caso das Diretas Já, um movimento “que reivindicava a criação de uma emenda constitucional que tornasse possível a realização de eleições presidenciais diretas” (GREEN, 2018, p. 273).

O Jornal de Sergipe, no dia 23 janeiro de 1983, estampa em letras garrafais o título “Homossexuais e Lésbicas” de um texto escrito por Abiosvaldo Figueiredo. E como quase um presságio do que estava por acontecer no decorrer dos próximos anos, afirmou que “tenho profundo respeito pelo ser humano. Mesmo quando se trata de homossexuais e lésbicas. Concordar com eles, aplaudi-los, nunca”. O texto em si aparece como uma simples opinião do autor, não há nada de relevante. Possivelmente serviu apenas para aumentar o preconceito tão enraizado. Mas é impressionante como o mesmo discurso ainda é tão atual: “o fato dos homossexuais e lésbicas não produzem gente, não gerarem vida, faz deles sujeitos despedaçados, tensos, trágicos, profundamente infelizes”.

Abiosvaldo Figueiredo conclui o texto afirmando que a homossexualidade é fruto da burguesia e incentivada pelo capitalismo. É interessante que o historiador James N. Green (2018) trata justamente desse tema em seu livro já citado. Disse que na época, os militantes da esquerda acreditavam que quando tomassem o poder e acabassem com a elite, os homossexuais também se dissolveriam da sociedade.

É somente no dia 28 de junho daquele ano que o jornal traz uma nota bem direcionada e intitulada: “o câncer-gay foi trazido da África pelos cubanos”. Escrito por Marcelo Faria, o texto diz que provavelmente a doença foi trazida por soldados cubanos que tiveram contato com homossexuais quando chegaram nos Estados Unidos. A nota ainda diz que a doença também foi encontrada em heterossexuais homens, em mulheres e crianças. Há ainda um relato de uma médica com seu colega de trabalho que acreditavam que a América do Norte também poderia ter sido atingida através de insetos. O que nos chama a atenção é que por mais que a nota tente dar uma explicação de onde surgiu a aids, ainda assim o título “câncer-gay” é colocado em destaque, talvez uma forma de tentar chamar a atenção da pessoa que fosse ler. Porém, a doutora em linguística Luciana Leão Brasil (2011) nos explica que “o discurso é a história na língua” e que ele “é material simbólico, é janela para o estudo do funcionamento dos mecanismos de produção de sentidos, é confronto do simbólico com a ideologia”.

No ano seguinte, em 1984, o Jornal da Cidade dá uma devida importância à seca do estado bem mais do que a Gazeta de Sergipe. Uma prova disso é que somente no mês de janeiro daquele ano houve cinco edições falando especificamente sobre tal assunto. E isso não limita somente no primeiro mês, sendo que o jornal só irá abordar o tema no dia 18 de abril em um pequeno verbete em uma sessão chamada “Personas”, que falava quase que exclusivamente sobre a elite sergipana e celebridades do Brasil.

O verbete com o título “Aids” não oferece nenhum tipo de explicação sobre o assunto, diz apenas que “cientistas norte-americanos conseguiram claros indícios de que um tipo de vírus identificado pela primeira vez em pacientes franceses pode ser a causa da mortal doença que ataca principalmente homossexuais masculinos”<sup>3</sup>.

No dia 12 de setembro houve também uma nota que trazia também um pouco de esperança, mas infelizmente ainda trazia o termo pejorativo dado à doença: “Dado passo importante no combate ao câncer-gay”. Segundo o texto, cientistas da Califórnia deram um passo importante para uma vacina experimental através da produção de genes idênticos ao vírus e que em seis ou oito meses teriam material disponível para a elaboração da mesma. Porém afirmavam que a vacinação não iria curar, mas protegeria as pessoas saudáveis da enfermidade.

Em outubro, no dia 09, outra nota aborda o tema: “Câncer ‘gay’ discutido em simpósio”. O evento foi realizado em Recife no XIX Congresso Brasileiro de Alergia e Imunopatologia que reuniu, segundo a reportagem, mais de 300 especialistas. O que mais impacta no texto é o fato dos profissionais afirmarem que “a promiscuidade está ligada à alta de incidência do câncer gay entre os homossexuais”.

Em 1985 a Gazeta de Sergipe foi drasticamente silenciosa quanto ao assunto. Naquele ano, nenhuma nota ou verbete sobre o tema foi encontrado. O que chama a atenção é o fato de logo na primeira publicação do ano um anúncio era destacado: Ano novo, novo tempo.

Silêncios como esse podem ou não ser propositais. É muito difícil explicar o porquê de algo tão urgente não ser noticiado durante todo o ano. O historiador Nelson Werneck Sodré, no seu livro *História da Imprensa no Brasil*, destaca logo na introdução que o desenvolvimento da sociedade está intimamente ligado ao do da imprensa e que há uma batalha em que surgem organizações e pessoas das mais diversas situações, sendo que a própria imprensa, segundo o autor, é fruto de uma sociedade capitalista que adquire o controle das informações, das técnicas de produção e de circulação, conduzindo “à uniformidade, pela universalização de valores éticos e culturais, como pela padronização do comportamento” (1999, p. 01-02). Assim, talvez, podemos explicar essa ausência de informação como um simples jogo emocional: se algo não é mostrado conseqüentemente não pode existir. Então sim, era um novo tempo.

O que podemos também tentar entender desse silêncio quanto à aids é a conjuntura política da época. Em 1985 o Brasil fervilhava. Era a última vez desde o Golpe de 1964 que o país teria um presidente eleito de forma indireta. A Gazeta de Sergipe realmente assumiu nesse período um teor muito político dando espaço para que isso pudesse ser debatido em basicamente todas as

---

<sup>3</sup> **Aids.** *Jornal da Cidade, Notas e Comentários, Aracaju – Sergipe*, 18 de abril de 1984, nº 3.680, p. 16. Disponível em: <<http://jornaisdesergipe.ufs.br/handle/123456789/46401>>. Acesso em: 19 de fevereiro de 2024.

suas edições. Sem contar que esse presidente, Tancredo Neves, não chegou a assumir o cargo por falecer vítima de câncer em abril, assumindo a presidência o presidente do Senado, José Sarney.

Já o Jornal da Cidade em 1985 continua notificando, embora que poucas vezes, sobre o assunto. Infelizmente esse periódico só está disponível em formato digital pela Universidade Federal de Sergipe até esse período. Atualmente, o jornal ainda existe. Por isso entramos em contato através do número do WhatsApp disponível no site para saber se houve alguma pausa nas publicações ou se foi só os outros anos que não foram digitalizados por não serem encontrados, porém não tivemos resposta.

A primeira notícia sobre a aids do Jornal da Cidade em 1985 acontece no dia 9 de abril com o título em negrito: “Vírus causador da aids afeta milhões de pessoas”. O pequeno texto revela que um cientista dos Estados Unidos do Instituto Nacional do Câncer afirmou que até 20% daquela população poderá contrair esse mal ou algum outro. O interessante é que nessa nota não houve menção aos homossexuais.

Em setembro, a primeira notícia foi na edição dos dias 7 a 9 e a mais explicativa até o momento. A notícia com o título “A síndrome da AIDS o mal do fim do século” foi uma das mais neutras em questão aos homossexuais. Com um texto simples e direto, ela expõe o que se sabia até aquele momento sobre a doença, é tanto que a narrativa precisou ser dividida em quatro colunas com letras pequenas do que o normal para que se pudesse falar o necessário.

Em outubro, no dia 9, uma pequena nota informa que mais três pessoas morreram em São Paulo vítimas da doença. Mas é somente no dia 11 que uma nota intitulada “Secretaria distribui cartilha sobre aids” que o assunto passa a ter um lado mais social e humanitário por se tratar de informações simples sobre a doença para a população, mesmo sendo algo feito em Recife e não em Sergipe. A nota ainda informa que boa parte da população carcerária já havia feito o teste. No dia 22, na coluna escrita por Fred Ayres, outra pequena nota somente com a sigla “Aids” no título falava de uma forma também sensível pois trazia a notícia de um manual preparado pela previdência social que garantia “que sentar-se na mesma cadeira, apertar a mão e usar os mesmos talheres de uma pessoa suspeita de estar com a doença não são fatores de contágio...”<sup>4</sup>.

Em 1986 a Gazeta de Sergipe é invadida novamente, quase por completa, pelo silêncio sobre o tema. A instituição só aborda o assunto uma vez na edição dos dias 23 e 24 de março. O título “Portadores de aids terão direitos definidos no país” possivelmente trouxe um pouco de alívio para a população sergipana que até então não via sensibilidade para quem estivesse doente. Infelizmente o arquivo digitalizado cortou boa parte do

---

<sup>4</sup> **Aids.** Jornal da Cidade, Notas e Comentários, Aracaju – Sergipe, 22 de outubro de 1985, nº 4.129, p. 25. Disponível em: <<http://jornaisdesergipe.ufs.br/handle/123456789/44319>>. Acesso em: 07 de maio de 2024.

texto, mas é possível identificar que o Governo pleiteou “a permissão para liberação imediata do PIS/PASEP/FGTS para pacientes de AIDS, para que possam tratar-se adequadamente levando uma vida mais confortável e condizente com a condição humana”<sup>5</sup>.

### **1.1. A CHEGADA DA AIDS EM SERGIPE**

Já o último ano pesquisado da Gazeta de Sergipe, 1987, é totalmente diferente daquilo que vimos até aqui. Se antes a instituição usou o silêncio, naquele ano não houve como fugir do assunto, pois a aids tinha chegado ao estado de Sergipe. Possivelmente esse fato provocou tanto alvoroço que foi possível identificar em quase todos os meses várias notas sobre o assunto e muitas vezes na mesma edição do dia. Por isso, destacaremos apenas as notícias direcionadas à Sergipe.

A primeira notícia aconteceu no dia 3 de fevereiro e pela primeira vez ganhou o lugar privilegiado da capa. Com letras garrafais o título expôs o menor estado do país que até então olhava sorrateiro para tudo o que estava acontecendo no mundo: “Registrado novo caso de aids em Sergipe”. Porém o texto revela que aquele já era o terceiro caso, o questionamento aparece de o porquê não terem notificado desde o primeiro. Segundo a narrativa, o Diretor do Hospital das clínicas de Aracaju na época chamado Roberto Ferreira estava disposto a instalar num prazo de trinta dias um pavilhão especial com dez leitos para portadores da doença. Passando assim a sensação de que as autoridades aracajuanas já estavam esperando pela chegada do vírus.

Naquele mesmo mês houve uma enxurrada de outras notificações. A segunda também ocupa a primeira página e fala que o Hemose estava preocupado com os casos da doença em Sergipe. Segundo a nota, havia recomendações para evitar relações sexuais com parceiros desconhecidos e que se alguém tivesse tido uma relação com um homossexual vindo de outro estado deveria procurar o centro de Hemoterapia para fazer o exame. A terceira no mesmo lugar de destaque confirma mais um caso em Sergipe e revela a preocupação de Edgard Fernandes sobre o dever de a nova constituinte do país colocar um artigo determinando que os bancos de sangue sejam obrigados a ter equipamentos que detectam, com segurança, a presença do vírus no sangue dos doadores.

No dia 18 de fevereiro houve três notícias na mesma publicação. A primeira e a segunda ocupam o mesmo espaço na primeira página. O Hemose informou que não tinha condições de fazer testes em todas as pessoas alegando que o custo era muito alto. A outra informa que “Doentes de AIDS em SE não têm como fazer tratamento” porque funcionários do Hospital Militar de Sergipe se recusavam a atender pessoas com a doença.

---

<sup>5</sup> **Portadores de aids terão direitos definidos no país.** Gazeta de Sergipe, Notas e Comentários, Aracaju – Sergipe, 23 e 24 de março de 1986, nº 8.214, p. 07 Disponível em: <<http://jornaisdesergipe.ufs.br/handle/123456789/36247>>. Acesso em: 12 de março de 2024.

O médico Almir Santana, na época Coordenador Estadual do Controle das doenças, afirmou que esse fato era “um preconceito bobo”, sendo que os três pacientes com aids estavam sendo tratados em casa. Já a terceira falava que o carnaval poderia multiplicar os casos da doença.

Já no dia 25 há uma página inteira, pela primeira vez, destinada somente para o assunto com o título: “Aids: você precisa saber evitar a doença mais assustadora do século”. O texto traz explicações sobre preservativos, orçamentos para campanhas publicitárias e muitas frases que talvez tranquilizaram muitas pessoas: “A aids não é a única moléstia que gera incerteza... a própria vida é plena incerteza”.

Em março, no dia 10, uma nota na primeira página deixou a população sergipana ciente de mais três novos casos, sendo sete ao total. E que, infelizmente, não estavam recebendo tratamento hospitalar, mas ambulatorial. No dia 17 houve uma notícia que o Brasil estava ocupando o segundo lugar nos casos de contágio de aids.

Como um padrão, a maioria das notícias sobre a aids em 1987 aparecem na primeira página. A única sobre o tema em abril, dia 23, segue esse estilo e com letras grandes informa que “Já são 9 os casos de aids em Sergipe”. O texto relata que o Hemose já possuía capacidade para realizar de 600 a 700 testes por mês e que o Estado estava produzindo em todos os seus postos de atendimento, tanto na capital quanto no interior, uma campanha para suprir questionamentos sobre a doença. A narrativa também traz que os considerados grupos de risco, “homossexuais e viciados em drogas”, estavam conscientes do problema e se engajaram na campanha.

Em maio daquele ano, na edição dos dias 10 e 11, outra página era destinada somente para responder dúvidas. Com o título em caixa alta “Aids: cuidados e precauções”, o autor Pedrito Barreto faz uma enorme lista sobre os conhecimentos adquiridos sobre o vírus naquela época. No item sobre a atuação frente aos casos de pessoas infectadas, há uma verdadeira conexão com o que a humanidade passou com a pandemia do Covid-19. Segundo o texto, era necessário o isolamento total da pessoa enferma, quarto privativo com a porta sempre fechada, avental deveria ser usado todas as vezes que alguém entrasse no cômodo, lavagem das mãos frequente, uso de luvas, objetos e utensílios deveriam ser separados e entre muitas outras precauções.

No dia 8 de julho a notícia “Aids: médico condena sensacionalismo” traz o depoimento bem à frente daquele tempo de José Almir Santana, que na época era gerente de DST/AIDS da Secretaria de Estado da Saúde e Bem-estar Social e coordenador das campanhas que estavam sendo desenvolvidas em Sergipe. Segundo o médico, “a imprensa deveria estar muito mais comprometida com o processo educativo da população uma vez

que o vírus da aids tem predileção pelos desinformados”<sup>6</sup>, disse também que o fato de a doença ter grupos de risco faz com que a sociedade discrimine esses pacientes marginalizando-os desnecessariamente.

No dia 19 de setembro teve um pequeno verbete escrito por Jorge Mirândola que, possivelmente, chamou bastante atenção para quem estivesse lendo por causa do título: “Cura da Aids”. Segundo o autor, Deus já havia dito nas Sagradas Escrituras que todas as pessoas passariam por um castigo após a morte, contudo, o vírus já simbolizava esse castigo. Concluiu o texto falando que tinha algo melhor para livrar as pessoas da aids do que a camisinha: o Evangelho.

Em dezembro, no dia 1º, a primeira página anunciava que “Morre outra vítima da AIDS em Aracaju”. A nota falava de um costureiro que havia decidido passar seus últimos dias de vida na capital, sendo que seria a segunda pessoa em Aracaju a morrer por conta da doença. E por fim, no dia 12, outro problema que acompanhou, e se mostrou primeiro, a trágica trajetória da aids no Brasil, voltou a ser notificado: “Ainda o drama da seca”.

## **CONCLUSÃO**

Como o menor estado do país, podemos dizer que Sergipe seguiu um certo padrão esperado para tal posição. Ainda tímida, a sua imprensa na década de 80 permeia o campo do questionamento entre falar ou deixar ser esquecido pelo tempo algum assunto específico. Contudo, em 1983, quando os primeiros casos de aids são notificados no Brasil, os jornais aracajuano seguem a linha de raciocínio que se espalhava sobre o mundo sobre a doença ao chamá-la de câncer ou peste gay. Porém, não é difícil tentar entender essa repetição de termos, já que estamos falando de uma enfermidade até então desconhecida e que por alguma razão escolheu, em sua maioria, os homossexuais como suas primeiras vítimas os transformando como causadores de tal mal.

Vale salientar que durante toda a pesquisa foi possível verificar em ambos os jornais, Gazeta de Sergipe e Jornal da Cidade, que havia notícias internacionais, mas muito mais no segundo. Este trazia basicamente em todo periódico informações sobre o Papa, por exemplo, e a classe artística. A Gazeta só vai se desenvolver, colocando até um segundo caderno, a partir de 1986.

Falando em pesquisa, é preciso destacar o cansaço, que às vezes se faz presente, quando verificamos cada página de um periódico e não encontramos o conteúdo desejado durante todo um ano. Porém, os fatos históricos, quando encontrados e analisados abafam um pouco todo o cansaço anterior. Pode surgir o questionamento se as publicações aumentaram a discriminação aos homossexuais no estado. O que podemos

---

<sup>6</sup> **Aids: médico condena sensacionalismo.** Gazeta de Sergipe, Notas e Comentários, Aracaju – Sergipe, 08 de julho de 1987, nº 8.686, p. 04. Disponível em: <<http://jornaisdesergipe.ufs.br/handle/123456789/36782>>. Acesso em: 07 de maio de 2024.

responder é que somente com a análise dos noticiários isso não pode ser respondido. Para isso, precisaríamos entrevistar pessoas da época que tiveram acesso a tal informação. Outro ponto importante é que não conhecemos o lado partidário dos periódicos e nem dos ideais das pessoas que os escreviam, sem contar que muitas notas e verbetes não tinham o nome de quem os produziu. E os que possuíam, ao serem pesquisados na internet via redes sociais e outras fontes, não foram localizados.

Por fim, baseando-se na História das Doenças, é possível verificar que a imprensa aracajuana reproduziu o imaginário social do Brasil em relação a aids. Já que ela trouxe para Sergipe “os culpados” de tal moléstia, um padrão visto na humanidade quando se trata de epidemias. Contudo, o estado lidava com um mal ainda maior antes da chegada da doença em Sergipe no ano de 1987: a seca. Os dois jornais estampavam as primeiras páginas e estendiam tal conteúdo através de notas. Sergipe passava por uma estiagem tão severa em 1983 que o leite deixou de ser comercializado por falta da pecuária, já que o gado estava morrendo de sede e fome. Daí, podemos tentar entender o porquê de não falar de determinado assunto ou demorar para mostrá-lo sendo que a água, elemento primordial, estava em escassez. Então, como se preocupar tanto com algo de longe se a realidade ao redor era mais aterrorizante? Sem contar que o Brasil estava saindo de um período extremamente difícil que foi a ditadura militar imposta através de um golpe desde 1964. Assim, nos resta lidar com o fato de que as transformações na sociedade, por mais inovadoras que sejam, independente da região, ainda têm os seus padrões, ainda procura em quem colocar a culpa ou silenciar para fingir inexistência. Mas também temos o aprendizado, as lutas das minorias, as vozes das pessoas que sofriam que muitas vezes ultrapassaram as barreiras impostas pelas autoridades e é nestas últimas etapas que História mostra seu poder: o de mudar mentalidades, encontrar novos olhares e romper silêncios.

## REFERÊNCIAS

### DOCUMENTAIS

#### GAZETA DE SERGIPE – 1983 A 1987

**A.I.D.S.** Gazeta de Sergipe, Notas e Comentários, Aracaju – Sergipe, 02 de agosto de 1983, nº 7.436, p. 03. Disponível em: <://jornaisdesergipe.ufs.br/handle/123456789/35198>. Acesso em: 19 de fevereiro de 2024;

**Em carta, homossexuais pedem a extinção de item do Código do Ministério da Saúde.** Gazeta de Sergipe, Notas e Comentários, Aracaju – Sergipe, 31 de janeiro de 1984, nº 7.571, p. 04. Disponível em:

<<http://jornaisdesergipe.ufs.br/handle/123456789/35324>>. Acesso em: 19 de fevereiro de 2024;

**Seca persiste e flagelados batem em retirada para outros estados.** Gazeta de Sergipe, Notas e Comentários, Aracaju – Sergipe, 31 de janeiro de 1984, nº 7.571, p. 07. Disponível em: <<http://jornaisdesergipe.ufs.br/handle/123456789/35326>>. Acesso em: 19 de fevereiro de 2024;

**Portadores de aids terão direitos definidos no país.** Gazeta de Sergipe, Notas e Comentários, 23 e 24 de março de 1986, Aracaju – Sergipe, nº 8.214, p 07 Disponível em: <<http://jornaisdesergipe.ufs.br/handle/123456789/36247>>. Acesso em: 12 de março de 2024;

**Registrado novo caso de aids em Sergipe.** Gazeta de Sergipe, Notas e Comentários, Aracaju – Sergipe, nº 8.473, 1º página. Disponível em: <<http://jornaisdesergipe.ufs.br/handle/123456789/36680>>. Acesso em: 12 de março de 2024;

**Doentes de aids em SE não têm como fazer tratamento.** Gazeta de Sergipe, Notas e Comentários, Aracaju – Sergipe, nº 8.485, p. 1ª página. Disponível em: <<http://jornaisdesergipe.ufs.br/handle/123456789/36694>>. Acesso em: 12 de março de 2024;

**Aids: você precisa saber evitar a doença mais assustadora do século.** Gazeta de Sergipe, Notas e Comentários, Aracaju – Sergipe, nº 8.491, p. 07. Disponível em: <<http://jornaisdesergipe.ufs.br/handle/123456789/36701>>. Acesso em: 02 de abril de 2024;

**Já são 9 os casos de aids em Sergipe.** Gazeta de Sergipe, Notas e Comentários, Aracaju – Sergipe, 23 de abril de 1987, nº 8.536, 1ª página. Disponível em: <<http://jornaisdesergipe.ufs.br/handle/123456789/36755>>. Acesso em: 07 de maio de 2024;

**Aids: cuidados e precauções.** Gazeta de Sergipe, Notas e Comentários, Aracaju – Sergipe, 10 e 11 de maio de 1987, nº 8.549, p. 09. Disponível em: <<http://jornaisdesergipe.ufs.br/handle/123456789/36772>>. Acesso em: 07 de maio de 2024;

**Aids: médico condena sensacionalismo.** Gazeta de Sergipe, Notas e Comentários, Aracaju – Sergipe, 08 de julho de 1987, nº 8.686, p. 04. Disponível em: <<http://jornaisdesergipe.ufs.br/handle/123456789/36782>>. Acesso em: 07 de maio de 2024;

**Cura da Aids.** Gazeta de Sergipe, Notas e Comentários, Aracaju – Sergipe, 1º de dezembro 1987, nº 8.717, 1ª página. Disponível em: <<http://jornaisdesergipe.ufs.br/handle/123456789/36966>>. Acesso em: 07 de maio de 2022;

**Ainda o drama da seca.** Gazeta de Sergipe, Notas e Comentários, Aracaju – Sergipe, 12 de dezembro de 1987, nº 8.726, p. 03. Disponível em: <<http://jornaisdesergipe.ufs.br/handle/123456789/36981>>. Acesso em: 07 de maio de 2022.

## **JORNAL DA CIDADE – 1983 A 1985**

**Homossexuais e Lésbicas.** Jornal da Cidade, Notas e Comentários, Aracaju – Sergipe, 23 de janeiro de 1983, 23 e 24 de janeiro, nº 3.365, p. 27. Disponível em: <<http://jornaisdesergipe.ufs.br/handle/123456789/45976>>. Acesso em: 19 de fevereiro de 2024;

**Pesquisadores acreditam que o câncer-gay foi trazido da África pelos cubanos.** Jornal da Cidade, Notas e Comentários, Aracaju – Sergipe, 28 de junho de 1983, nº 239, p. 15. Disponível em: <<http://jornaisdesergipe.ufs.br/handle/123456789/46112>>. Acesso em: 19 de fevereiro de 2024;

**Aids.** Jornal da Cidade, Notas e Comentários, Aracaju – Sergipe, 18 de abril de 1984, nº 3.680, p. 16. Disponível em: <<http://jornaisdesergipe.ufs.br/handle/123456789/46401>>. Acesso em: 19 de fevereiro de 2024;

**Dado passo importante no combate ao câncer-gay.** Jornal da Cidade, Notas e Comentários, Aracaju – Sergipe, 12 de setembro de 1984, nº 3.798, p. 06. Disponível em: <<http://jornaisdesergipe.ufs.br/handle/123456789/46538>>. Acesso em: 19 de fevereiro de 2024;

**Câncer ‘gay’ discutido em simpósio.** Jornal da Cidade, Notas e Comentários, Aracaju – Sergipe, 09 de outubro de 1984, nº 3.981, p. 06. Disponível em: <<http://jornaisdesergipe.ufs.br/handle/123456789/46558>>. Acesso em: 19 de fevereiro de 2024;

**Vírus causador da aids afeta milhões de pessoas.** Jornal da Cidade, Notas e Comentários, Aracaju – Sergipe, 09 de abril de 1985, nº 3.966, p. 08. Disponível em: <<http://jornaisdesergipe.ufs.br/handle/123456789/44051>>. Acesso em: 02 de abril de 2024;

**A síndrome da AIDS o mal do fim do século.** Jornal da Cidade, Notas e Comentários, Aracaju – Sergipe, 07 e 09 de setembro de 1985, nº 4.093, p. 12. Disponível em:

<<http://jornaisdesergipe.ufs.br/handle/123456789/44281>>. Acesso em: 02 de abril de 2024;

**Secretaria distribui cartilha sobre aids.** Jornal da Cidade, Notas e Comentários, Aracaju – Sergipe, 11 de outubro de 1985, nº 4.121, p. 10. Disponível em: <<http://jornaisdesergipe.ufs.br/handle/123456789/44311>>. Acesso em: 07 de maio de 2024;

**Aids.** Jornal da Cidade, Notas e Comentários, Aracaju – Sergipe, 22 de outubro de 1985, nº 4.129, p. 25. Disponível em: <<http://jornaisdesergipe.ufs.br/handle/123456789/44319>>. Acesso em: 07 de maio de 2024.

## **BIBLIOGRÁFICAS**

BARROS, José D'Assunção. **A História Social: seus significados e seus caminhos.** LPH - Revista de História da UFOP. nº 15, 2005;

BRASIL, Luciana Leão. **Michel Pêcheux e a teoria da análise de discurso: desdobramentos importantes para a compreensão de uma tipologia discursiva.** UFG/Campus Catalão, vol. 15, n. 01, p. 171-182, jan/jun. 2011;

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso.** Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 1970;

GREEN, James N. **Revolucionário e gay: A extraordinária vida de Herbert Daniel – Pioneiro na luta pela democracia, diversidade e inclusão.** 1º ed. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018;

HEGENBERG, Leonidas. **Evolução histórica do conceito de doença.** Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 1998;

LAPUENTE, Rafael Saraiva. **A imprensa como fonte: apontamentos teórico-metodológicos iniciais acerca da utilização do periódico impresso na pesquisa histórica.** Bilros, Fortaleza, v. 4, n. 6, p. 11-29, jan.-jun. 2016;

NASCIMENTO, Dilene Raimundo do. **As Pestes do século XX: tuberculose e Aids no Brasil, uma história comparada.** Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2005;

QUARESMA, Paulo Sergio Andrade. **As Doenças e a História do Homem: um itinerário em comum.** Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH, São Paulo, julho 2011;

SODRÉ, Werneck Sodrê. **História da Imprensa no Brasil** - 4. ed. (atualizada) - Rio de Janeiro: Mauad, 1999.